

- Lausberg, H. (2011). *Elementos de retórica literária*. (6th ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lejeune, P. (2003). Definir autobiografia. In P. Morão & C. I. do Carmo (Orgs.), *ACT 8 Autobiografia. Auto-representação* (37-54). Lisboa: Edições Colibri.
- Machado, Á. M. (1980). A Geração de 70: uma literatura de exílio. In *O Século XIX em Portugal, Análise Social*, 16 (383-396). Lisboa: Básica Editora.
- Machado, Á. M. (1977). *A Geração de 70 – uma revolução cultural e literária* (1th ed.), Lisboa: Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa.
- Marin, L. (2007). Variações sobre um retrato ausente: os auto-retratos de Poussin 1649-1659. In K. Basílio (Coord. e Org.) & M. J. Torres, P. Morão, T. Amado (Orgs.). *Concerto das Artes* (293-312). Porto: Campo das Letras.
- Martins, J. P. de O. (1886). Introdução. In *Sonetos completos de Anthero de Quental* (5-48). Porto: Lopes & C.^a Editores.
- Mathias, M. D. (1997). Autobiografias e diários. *Colóquio-Letras*, 143/144, Janeiro-Junho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 41-62.
- Mathias, M. D. (2008). Escrever a vida – Notas. In P. Morão & C. I. do Carmo (orgs.), *ACT 16 – Escrever a vida: verdade e ficção* (107-114). Porto: Campo das Letras.
- Mathias, M. D. (2010). *Brevíssimo inventário*. Lisboa: D. Quixote.
- Mathias, M. D. (2013). O escritor e o sentimento de exílio. *Colóquio-Letras*, 183, Maio-Agosto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 9-24.
- Montaigne, M. de (1978). *Les Essais de Michel de Montaigne* (3th ed.). Paris: Presses Universitaire de France.
- Morão, P. (2003). Souvenirs d'enfance. Quelques exemples portugais. In P. Morão (Org.), *ACT 8, Autobiografia. Auto-Representação* (55-74). Lisboa: Edições Colibri.
- Morão, P. (2004). A temática do cavaleiro andante em Antero, Nobre e em Gomes Leal. In *Retratos com sombra – António Nobre e os seus contemporâneos* (11-23). Porto: Caixotim.
- Morão, P. (2004). Representações do sujeito e do amor nos *Sonetos* de Antero. In *Retratos com sombra – António Nobre e os seus contemporâneos* (159-167). Porto: Caixotim.
- Morão, P. (2008). A imagem do poeta. In F. C. Martins (Ed.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (347-348). Lisboa: Editorial Caminho.
- Morão, P. (2011). «Retrato e auto-retrato – Fronteiras e limites». In *O secreto e o real, ensaios sobre Literatura Portuguesa* (55-65). Lisboa: Campo da Comunicação.
- Morna, F. F. (2005). *Sonetos* de Anthero. In *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, 5 (176-183). Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- Oliveira, C. (2004). O Iceberg. In *O aprendiz de feiticeiro* (163-177). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Quadros, A. (1992). Antero de Quental, do poeta-filósofo ao poeta-religioso. In *Estruturas simbólicas do imaginário na Literatura Portuguesa* (35-55). Lisboa: Átrio.
- Queirós, E. de (1896). Um génio que era um santo. In *Anthero de Quental - In memoriam* (483-522). Porto: Mathieu Lugan.

- Quental, A. (1886). *Sonetos completos de Anthero de Quental*. (1st ed.). Porto: Lopes & C.^a Editores, 35-48.
- Quental, A. (1989). *Cartas II. 1881-1891*. Lisboa e Universidade dos Açores: Editorial Comunicações, 1989, 474-479 e 833-840.
- Santo Agostinho (2001). *Confissões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Santos, L. R. dos (1993). A poética da solidão em Antero de Quental. In *Congresso anteriano internacional – Actas* (687-713). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Sérgio, A. (1972). Os dois Anteros (o luminoso e o nocturno). In *Ensaio*, IV (131-159). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Serrão, J. (1980). *Temas oitocentistas – I, para a história de Portugal no século passado*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Serrão, J. (1989). Na pista dos motivos da destruição das «Poesias Lúgubres». In *Antero de Quental «Hino da manhã» e outras poesias do mesmo ciclo* (9-83). Lisboa: Livros Horizonte.
- Rocha, C. (1992). Carta de Antero de Quental a Wilhelm Storck. In *Máscaras de Narciso – Estudos sobre literatura autobiográfica em Portugal* (127-130). Coimbra: Almedina.
- Said, E. (2001). *Reflections on exile and other literary and cultural essays*. London: Granta Books.
- Viçoso, V. (1997). Exílio. In H. C. Buescu (Ed.). *Dicionário do Romantismo Literário Português* (173-179). Lisboa: Caminho.

**A PAISAGEM E A SAUDADE: CONVERGÊNCIAS
NA REPRESENTAÇÃO DE PORTUGAL E
DO EU NA POESIA DE TEIXEIRA DE PASCOAES
(LANDSCAPE AND SAUDADE: CONVERGENCES
BETWEEN THE REPRESENTATIONS
OF PORTUGAL AND OF THE SELF IN TEIXEIRA
DE PASCOAES' POETRY)**

Teresa Jorge Ferreira (CECC, Univ. Católica Portuguesa)

teresajorgeferreira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0744-2920>

Resumo: Teixeira de Pascoaes foi um dos grandes pensadores da identidade nacional portuguesa no século XX, com uma obra vasta que incluiu, além da poesia, artigos, ensaios, conferências, textos críticos, entre outros. Numa linha de «patriotismo mítico», Pascoaes propôs que a saudade fosse elevada a bandeira do movimento da Renascença Portuguesa, procurando uma rutura com o passado monárquico e decadente das décadas anteriores e com a exagerada influência estrangeira. Portugal foi o centro da produção em prosa de Pascoaes. No entanto, na sua poesia, as referências explícitas a Portugal são escassas e é muito mais evidente o lugar ocupado pelo eu. Há, no lirismo de Pascoaes, uma profunda busca da identidade. Pretende-se com este estudo mostrar que esta pesquisa identitária não é apenas individual, mas também nacional. Por meio de duas linhas – a paisagem e a saudade –, Pascoaes transforma uma poesia sobre o eu numa poesia sobre o ser português. Aproveitando a ideia de que o poeta é um intérprete privilegiado dos mistérios da natureza, o eu do poeta identifica-se

com a paisagem da sua terra natal contemplada da janela, que, por sua vez, representa a paisagem nacional. Na linha do seu panteísmo espiritualista, Pascoaes considera que essa paisagem tem uma «alma» feita de saudade, tal como a «alma» do povo, tal como a «alma» do eu. Pode assim verificar-se que a poesia de Pascoaes, mediante variados recursos estilísticos, mistura a construção do eu com a construção da identidade nacional.

Palavras-chave: Eu, Paisagem, Portugal, Saudade, Teixeira de Pascoaes

Abstract: Teixeira de Pascoaes was one of the greatest authors that reflected upon Portuguese national identity in the 20th century, throughout a vast *opus* including essays, conferences, critical texts and articles, besides poetry. Adopting an orientation of «mythical patriotism», Pascoaes proposed that *saudade* should be hoisted as the flag of the *Renascença Portuguesa* movement, and that there should be a break from the decadent monarchic past of past decades and from the strong foreign influence. Portugal was the centre of Pascoaes' prose production. However, in his poetry, the explicit references to Portugal are scarce, the place occupied by the self being much more prominent. In Pascoaes' lyricism, there is a profound search of identity. The aim of this chapter is to demonstrate how the search for this identity takes place not only at an individual level but also at a national level. In two different ways – landscape and *saudade* –, Pascoaes transforms a poetry about the self into a poetry about Portuguese selfhood. Believing that the poet is a privileged interpreter of the mysteries of nature, the poet's self is identified with the landscape of his homeland as seen from his window, which in turn represents the national landscape. According to his spiritualist pantheism, this landscape is considered by Pascoaes as having a «soul» made

of *saudade*, such as the «soul» of the Portuguese people, such as the «soul» of the self. It can thus be noted that Pascoaes' poetry, through several stylistic devices, mixes the construction of the self with the construction of the national identity.

Keywords: Landscape, Portugal, Saudade, Self, Teixeira de Pascoaes

É a história literária de Portugal no segundo quartel deste século:

... é o que foi esta reacção vulgarmente chamada romântica,

mas que não fez mais do que trazer a renascença da poesia nacional e popular.

Nenhuma coisa pode ser nacional se não é popular
(Garrett, 1997, p. 181).

«Portugal é a Paisagem e a Saudade» (Pascoaes, 1999, p. 92): assim define Teixeira de Pascoaes (1877-1952) o país num dos seus aforismos de *Verbo Escuro* (1914), sintetizando a ideia de que a «raça» portuguesa é formada por um conjunto de qualidades de «natureza animal e espiritual, resultantes do meio físico (paisagem) e da herança étnica, histórica, jurídica, literária, artística, religiosa e mesmo económica» (Pascoaes, 2007, p. 24). Desta herança, principalmente derivada da fusão entre os ramos ariano (com feições naturalistas) e semita (mais espiritualista) (Pascoaes, 2007, p. 70), a saudade seria uma espécie de resultado místico perfeito.

Numa época em que Portugal se tentava libertar de uma pesada carga de desalento e humilhação, que havia tido o seu auge simbólico no *Ultimatum* de 1890, e se lançava num

novo projeto republicano, Teixeira de Pascoaes foi uma das figuras que mais pensou a questão da identidade nacional, numa obra vasta que incluiu, além de poesia, artigos, ensaios, conferências, textos críticos, livros (entre os quais o mais emblemático será a *Arte de Ser Português*, de 1915), etc. Um dos fundadores do movimento da Renascença Portuguesa, que propunha uma rutura com o passado monárquico e decadente das últimas décadas e com a exagerada influência estrangeira, Pascoaes defendia que era necessário e premente renovar a pátria:

É preciso, portanto, chamar a nossa Raça desperta à sua própria realidade essencial, ao sentido da sua própria vida, para que ela saiba quem é e o que deseja. E então poderá realizar a sua obra de perfeição social, de amor e de justiça, e poderá gritar entre os Povos: *Renasci!* (Pascoaes, 2004a, p. 154).

Numa linha de «patriotismo mítico» (Samuel, 2004, p. 42), Pascoaes propôs que a saudade fosse elevada a bandeira do movimento da Renascença Portuguesa, mas nem todos os membros da sociedade portuense estavam de acordo com o seu entendimento, gerando-se a famosa polémica saudosista, bem refletida nas páginas de *A Águia*, que teve como principais interlocutores Teixeira de Pascoaes e António Sérgio. *A Águia*, lançada em 1910 (1.^a série), pouco depois da implantação da república, passou a ser o principal órgão de difusão da Renascença a partir de 1912 (2.^a série), tendo tido uma extensa existência, até 1932, e contado com variadíssimas contribuições (de Teixeira de Pascoaes, António Sérgio, Jaime Cortesão, Mário Beirão, Leonardo Coimbra, Afonso Lopes Vieira, Correia de Oliveira, Augusto Casimiro, Fernando Pessoa, etc.). Teixeira de Pascoaes foi o seu director literário

entre 1912 e 1916, dinamizando diversas ações para a difusão do movimento e consolidando, poética e filosoficamente, a sua visão do que era e devia ser Portugal. Eduardo Lourenço é inequívoco ao atribuir a Pascoaes um lugar único e «genial» na forma de pensar o tema da pátria:

Este Portugal dos fins do século XIX, princípios do XX, medíocre, mendigo da Europa, assistirá estupefacto e incrédulo a uma operação de magia poética incomparável destinada a *subtraí-lo para sempre* àquele complexo de inferioridade anímico que a Geração de 70 ilustrara com tão negra e fulgurante verve. O verbo de Pascoaes rasura ou dissolve a nossa pequenez objectiva, onde enraízam todos os temores pelo nosso futuro e identidade, instalando Portugal, literalmente falando, *fora do mundo* e fazendo desse *estar fora do mundo* a essência mesma da Realidade. Prodigiosa reversão é essa do *não-ser* imaginário (do sentimento do nosso *desvalor* que a melancólica consideração da nossa existência histórica forneceu a três gerações) em ser *supremo*, mítica e mística *Saudade* – corpo-sombra da sua existência lusíada (Lourenço, 1988, pp. 100-101).

No seu discurso não poético, Pascoaes não deixa de ter a consciência das limitações de Portugal para atingir certos patamares de desenvolvimento em que se encontravam outros países europeus, como a Inglaterra, a Alemanha ou a França, reconhecendo que o país é sobretudo rural e que «nós, os portugueses, somos pouca gente e vivemos num território pequeno. O movimento científico, industrial, militar, etc., não atingirá, no nosso meio, uma grandeza capaz de se tornar inspiradora» (Pascoaes, 2004f, p. 225). No entanto, considera que Portugal tem de se libertar do

seu complexo de inferioridade e da profunda influência estrangeira, que tem limitado a independência portuguesa, porque:

Sim: a alma portuguesa existe, e o seu perfil é eterno e original.

Revelemo-lo agora em todos os portugueses, na sua maior parte afastados dela, pelas más influências literárias, políticas e religiosas vindas do estrangeiro. ...

E então um novo Portugal, mais *português*, surgirá à luz do dia, e a civilização do mundo sentir-se-á mais dilatada (Pascoaes, 2004a, p. 155).

Para que Portugal pudesse «renascer», seria assim necessário que se libertasse dos «pseudo-portugueses» estrangeirados, «micróbios da nossa doença social» (Pascoaes, 2004d, p. 164), e que reconhecesse que podia ter um lugar digno e original ao lado das outras nações. Não havia no seu discurso uma xenofobia absoluta: Pascoaes rejeitava o que era estrangeiro a partir do ponto em que a sua influência fosse excessiva e bloqueasse Portugal no seu desenvolvimento natural, já que «não há maior erro que a pretendida substituição das qualidades próprias por aquelas que admiramos nos outros Povos. Destruímos por completo o nosso carácter e adulteramos, em nós, o que há de bom nos estrangeiros.» (Pascoaes, 2007, p. 26).

Esta visão foi também suportada pela obra poética de Teixeira de Pascoaes. Por exemplo, no poema «Sombras» (Pascoaes, 1996, pp. 126-130), de *As Sombras* (1907), o poeta vai estabelecendo um paralelismo entre obras ou lugares emblemáticos para a humanidade e obras ou lugares da sua terra natal: as «ruínas da Grécia, mais do Egipto!» são postas ao mesmo nível que as «ruínas humildes de choupanas, / Velhos muros, à beira dos caminhos...»; os rios «Sena, Eurotas, Tibre! Grandes águas!»

são comparados ao «meu Tâmega obscuro, água dormente...»; a «pedra das Pirâmides, famosa!» é a outra face das «pedrinhas anónimas dos montes!». Ao estabelecer esta correspondência, o poeta defende o valor intrínseco das coisas aparentemente insignificantes que trazem em si a «alma» do mundo¹, e parece preferir o que é da sua terra:

Ó boca do Vesúvio, erma cratera,
Num vómito de morte e destruição!
Montes da minha aldeia, ai, quem me dera
Ser, como vós, de terra e solidão! (Pascoaes, 1996,
pp. 126-127).

Não obstante todo este labor em torno da questão nacionalista, na sua poesia são pouco frequentes as referências expressas a Portugal, o que não significa que Portugal esteja ausente dos seus versos. Na verdade, é muito mais evidente o lugar ocupado pelo eu, conformando a sua obra uma poesia lírica na qual se verifica uma profunda busca de identidade, que não será, no entanto, apenas individual, mas também nacional.

Em *As Sombras*, podemos ver de que forma se articulam as representações do eu e da pátria. Esta obra é importante no conjunto poético de Teixeira de Pascoaes (como aliás vários autores defendem²) por apresentar com densidade a relação estabelecida

¹ No *Livro de Memórias* (1928), Pascoaes defende que «há em todas as coisas um valor extraordinário, principalmente nas coisas humildes e obscuras» (Pascoaes, 2001, p. 42), e que «esta pequena aldeia excede o planeta. Os seus lugares santos, como a *eira velha* (hoje nova), a capelinha, a fonte de pedra, o *terreiro grande*, apenas os posso comparar aos clássicos cenários da História Antiga.» (Pascoaes, 2001, p. 134).

² José Marinho escreveu, em relação a *As Sombras*, que «Esta é a mais característica das obras de Pascoais, aqui nos aparece o mundo interior do poeta dado na sua forma mais perfeita ... É neste livro que nos aparece por conseguinte o mundo intuitivo do poeta. Na base desta intuição, como sua origem, encontramos

pelo poeta entre o eu e o mundo. Miguel de Unamuno, coetâneo e amigo de Pascoaes, escreveu a propósito deste livro que:

Já o título, *As Sombras*, é um achado ... A filosofia poética de Teixeira de Pascoaes é uma filosofia assombrosa – não sombria. As realidades diluem-se e dissolvem-se em sombra, e as sombras coalham e consolidam-se em realidades. O sono e a vigília perdem as suas fronteiras, diluindo-se um no outro: a vida transforma-se em sonho e o sonho em vida (Unamuno, 2009, p. 21).

A constante transmutação que se verifica na obra de Pascoaes tem por base uma profunda relação do sujeito com a natureza. O escritor vê através da sua janela a paisagem do vale do Tâmega e da serra do Marão que o marca profundamente³:

Minha santa janela, onde eu medito
E digo adeus ao sol e falo ao vento...
E saúdo a aurora e leio no Infinito
E sinto, às vezes, um deslumbramento!

o sentimento da natureza» (Marinho, 2005, p. 111). Também Armindo Teixeira Mesquita considera que, em *As Sombras*, «nos aparece o mundo interior do poeta na forma mais perfeita. Mundo esse caracterizado por uma inspiração de índole emotiva e transcendente. É, portanto, um livro que supõe uma metafísica completa, um novo Credo filosófico, um novo sentido da Vida, porque, para o “solitário do Marão”, cada ser ou cada coisa é sombra vaga, flutuando no tempo e no espaço.» (Mesquita, 2001, p. 44).

³ Recorde-se que o escritor viveu quase toda a sua vida no solar de Pascoaes, em Gatão, a poucos quilómetros de Amarante, rejeitando a advocacia, que chegou a exercer em Amarante e no Porto, depois de realizar a licenciatura em Direito, em Coimbra.

Vejo, de ti, a Serra e aquele val',
Onde aparece a imagem indecisa
Dum rio de águas mortas, espectral,
Que, entre sombrias árvores, desliza (Pascoaes, 1996,
p. 41).

Esta paisagem romântica propicia uma identificação entre o eu e a natureza observada, que leva o poeta a confundir-se com ela, a diluir-se na universalidade que ela representa, revelando a harmonia entre os vários elementos naturais e entre o homem e o cosmos (cf. Collot, 2005, p. 35):

Já de tanto sentir a Natureza,
De tanto a amar, com ela me confundo!
E agora, quem sou eu? Nesta incerteza,
Chamo por mim. Quem me responde? O mundo
(Pascoaes, 1996, pp. 146-147).

E, assim, o sujeito lírico, para se encontrar, olha para a natureza, para a paisagem, que está ligada ao seu «estado de alma»:

Por isso, se quero ver-te [coração],
Olhos as aves, os penedos,
As florestas, as montanhas
E o sol-pôr... (Pascoaes, 1996, p. 64).

Esta identificação entre a paisagem e o «estado de alma», instaurada pelo Romantismo, pode ocorrer em dois sentidos, como destaca Michel Collot em *Paysage et Poésie*: «elle suppose non seulement la projection de l'affectivité sur le monde, mais aussi le retentissement de ce dernier dans la conscience du sujet.» (Collot, 2005, p. 43). Esse duplo movimento é muito claro na poesia de

Pascoaes. Por um lado, pode dar-se pela naturalização do sujeito, por meio de metáforas e comparações que aproximam o eu dos diversos elementos da natureza: o coração é um «profundo rio» (Pascoaes, 1996, p. 17); as árvores são «minhas irmãs em Deus» (Pascoaes, 1996, p. 22), porque são «feitas / Da minha escura e vã fragilidade, / Do mesmo barro túmido de lágrimas, / Da mesma dor, miséria e negra morte» (Pascoaes, 1996, p. 22); o sujeito é «vago como as nuvens, pelos céus» (Pascoaes, 1996, p. 104). O poeta experiencia uma comunhão com tudo quanto existe:

Pois, se me sinto irmão dos que são vivos,
Também me sinto irmão dos que morreram,
Das pedras e dos montes pensativos (Pascoaes, 1996,
p. 109).

Por outro lado, e como se pode inferir do último verso citado, em que as pedras e os montes são tidos como «pensativos» (numa hipálage que não é apenas estilística, na medida em que o poeta defende a existência de uma «alma» dos montes e de uma «dor» das pedras⁴), a referida identificação pode dar-se pela personificação (ou humanização⁵) da natureza, que assume um rosto

⁴ Leiam-se alguns versos de «A sombra do amor»: «Num sozinho lugar da minha aldeia, / Onde a sombra do outono é sempiterna... / E entre pinhais, quimérica, vagueia / A alma, sempre triste, destes montes»; e de «A sombra do luar»: «dor [da pedra] que somente o Poeta compreende» (Pascoaes, 1996, p. 106 e p. 72).

⁵ Pascoaes, em *Para a Luz*, usa o verbo «humanizar-se»: «Eu gosto de sentir minh'alma derramar-se, / Como a chuva do céu, sobre todo o Universo... / De ver suavemente o mundo humanizar-se / E senti-lo vibrar dentro de cada verso» (Pascoaes, 1998, p. 19). Também no III canto de *Cantos Indecisos*, estabelece que «Nasceu desta sombria e mística paisagem / Meu pobre coração. / Destes soturnos montes sou a imagem, / Humanizada e triste.» (Pascoaes, 2002, p. 33).

humano e dialoga com o poeta de forma íntima⁶, como se pode verificar em duas estrofes distintas de «A sombra do passado»:

Ó trágico Marão! Ó serra esfíngica,
De muda e dolorosa face humana,
Com a cauda ondeante sobre o Minho
E as garras sobre a terra transmontana!

...

Tu [minha aldeia] foste a minha ama; e quanta vez,
Nos teus peitos de terra, ao vento agreste,
Mamei com fome o leite que me fez
Poeta e irmão das águas e das pedras.
Quanto te devo a ti, e às tuas árvores!
E ao sol que te fecunda e aos cordeirinhos (Pascoaes,
1996, pp. 32-34).

Com efeito, a identificação do sujeito com a natureza dá-se por meio de uma comunhão espiritual, na qual a «alma» do poeta está em harmonia com a «alma» da natureza, lembrando a ideia de *Stimmung* desenvolvida pelos românticos alemães, que propunha a sintonia entre «os objetos e os sujeitos», entre «a paisagem e os estados de alma» (cf. Collot, 2005, p. 53)

Ao reconhecer uma espiritualidade na natureza, Pascoaes preconiza um panteísmo espiritualista⁷, que procura conciliar todos os contrários do Universo, professando aquela que acredita ser a ciência verdadeira e à qual não pode escapar o sentido religioso:

⁶ São recorrentes versos como: «Uma pedra me fala: – Ó meu irmão» (Pascoaes, 1996, p. 71). Em «A voz das coisas», de *Para a Luz*, falam «o verme», «a lua», «o sol», «o vento», «o mar», «o homem» (Pascoaes, 1998, pp. 77-82).

⁷ Teixeira de Pascoaes coloca ao mesmo nível as expressões: «panteísmo saudosista», «misticismo naturalista», «idealismo saudoso» (cf. Pascoaes, 2007, p. 134).

Não devemos, em nome da verdadeira ciência, separar a Matéria do Pensamento, pela mesma razão que se não pode nem deve separar o reino animal do vegetal. Não roubemos ao Universo o que lhe pertence, e que é o seu modo superior de ser (Pascoaes, 2004c, p. 161).

É, então, pelo mundo espiritual das «sombras» que é possível a comunicação íntima entre os seres (vivos e não vivos), anulando qualquer separação entre o interior e o exterior, já que «tudo se concilia e corresponde» (Coelho, 1945, p. 48):

Ah, cada ser ou cousa é sombra vaga,
Ondulando nos tempos e no espaço...
Um esboço de vida que se apaga,
Mal se acende; uma voz, um grito, um gesto
(Pascoaes, 1996, p. 40).

Neste diálogo, o poeta é considerado um intérprete privilegiado dos mistérios do mundo – e o mundo, a «sombra» de Deus (Pascoaes, 1996, p. 145) –, sendo que, em especial, «o escritor português tem o sentimento inato da Paisagem, porque ela responde às suas íntimas qualidades ráticas.» (Pascoaes, 2007, p. 80). A obra do poeta será assim a revelação da essência de uma pátria:

na Poesia aparece a alma de um Povo, no que ela tem de mais profundo e misterioso.

É por intermédio dos poetas que o génio popular se vai fixando em figura viva, cada vez mais perfeita.

O poeta é o escultor espiritual de uma Pátria, o revelador-criador do seu carácter em mármore eterno de harmonia.

Devemos considerar divina a missão dos poetas, quando não mintam ao seu destino sublime (Pascoaes, 2007, p. 81).

O poema é, deste modo, o lugar de encontro entre o sujeito, o mundo e as palavras, em que o poeta é um mediador (Collot, 2005, p. 53). Na poesia de Pascoes, podemos encontrar exemplos deste papel profético do poeta, que funciona quase como um oráculo no diálogo com a paisagem, nomeadamente em «A sombra do luar»:

Sozinho, vou andando, e vou falando...
...
Ouço, em meu coração, tudo o que existe!
E nem faço mais que repetir,
Num frágil verso pobre, humano e triste,
O que me diz a terra misteriosa... (Pascoes, 1996, p. 71),

E em «Canção da névoa»:

E o Poeta se transfigura,
É a voz do mundo a falar
E aquela voz também vai
No vento que anda no ar... (Pascoaes, 1996, p. 137).

O poeta é, deste modo, o transmissor privilegiado dos mistérios universais⁸ e fá-lo por intermédio de um veículo que por si só

⁸ Veja-se o primeiro aforismo de *Verbo Escuro* (na secção «O poeta»), que estabelece precisamente que «o Poeta alcança os píncaros da Vida; e vem depois contar, aos outros homens, a paisagem contemplada» (Pascoaes, 1999, p. 45).

representa a «essência espiritual» de um povo – a língua⁹. Pascoaes defende que pela língua e pelas suas palavras «intraduzíveis» se pode aferir o grau de originalidade e de força anímica de uma pátria: «quanto mais *palavras intraduzíveis* tiver uma Língua, mais carácter demonstra o Povo que a falar. A nossa, por exemplo, é muito rica em palavras desta natureza, nas quais verdadeiramente se perscruta o *seu génio inconfundível*» (Pascoaes, 2007, p. 31). Estas palavras que Pascoaes enumera (sem se preocupar em verificar de forma metódica a sua correspondência ou não noutras línguas), das quais a saudade é a mais «célebre» (Pascoaes, 2007, p. 90), são usadas com frequência nos seus poemas, reforçando o pendor nacionalista da sua obra.

Este *chamamento* do poeta é feito por um «vento misterioso» para ver «o Espírito do Mundo», o «fantasma de Deus», a «Sombra de Deus», expressões que podemos encontrar no poema «Vento do Espírito» (Pascoaes, 1996, pp. 20-21). Há assim, entre o poeta e Deus, um encontro «face a face» (Pascoaes, 1996, p. 39), que se dá no seio do «mistério». A poética do mistério é precisamente a que é preconizada por Teixeira de Pascoaes, contra a da «*nuance*» simbolista:

O *mistério* é a própria acção, o drama íntimo da nossa Poesia ... É o diálogo entre a Esfinge e o Homem, entre as formas anteriores e materiais da Vida e a sua fase derradeira, projectada em espírito, no Além.

O mistério vive nos nossos Poetas; vive e fala... Sendo eles os *enviados* da Saudade, são também o seu verbo ...

⁹ De acordo com Pascoaes, «o génio da Língua é a essência espiritual emanada dos seus vocábulos intraduzíveis, que se pode sintetizar numa expressão mais ou menos definida.» (Pascoaes, 2007, p. 89).

Esta *comunicação apaixonada* com as Cousas representa o parentesco, em constante labor fecundo, que prende a alma lusíada à alma da Natureza: – representa a feição original do *Saudosismo* (Pascoaes, 2004e, p. 175).

Por meio destes textos poéticos e críticos, podemos ver como Pascoaes transita da sua própria experiência poética para uma visão nacional da alma lusíada, que está da mesma forma ligada à natureza. Teixeira de Pascoaes considera os lugares da sua terra natal como natureza-mãe¹⁰, mas não apenas da sua própria pessoa, também do país. Podemos encontrar a construção desse mito de origem nos versos de «A sombra do passado»:

Mãe de almas e fantasmas... Terra Santa;
Terra de outono e místicas donzelas,
Onde eu, árvore humana, criei raízes
E ramagens que abraçam as estrelas...
...
Minha terra de Origem e Princípio! (Pascoaes, 1996,
p. 24)

A paisagem da terra natal do poeta passa assim a significar, por meio de um processo metonímico e simbólico, a própria pátria. Esta relação está mais claramente expressa no longo «romance em verso» intitulado *Marânus* (1911), no qual o «alter-ego» de Pascoaes (Samuel, 2004, p. 43) exclama:

¹⁰ Jacinto do Prado Coelho refere que, «embora de sentido universal, a sua [de Pascoaes] concepção do Mundo mergulha as raízes na terra-mãe, na aldeia e o seu contorno – a serra do Marão, o vale do Tâmega» (Coelho, 1965, p. 16).

Bendita sejas tu, ó sempiterna,
Bem-amada paisagem! Pátrio ninho!
Serrano coração de Portugal,
Velha província de Entre-Douro-e-Minho! (Pascoaes,
1990, p. 31)

Também nos textos em prosa podemos encontrar esta operação que transforma a paisagem do Tâmega e do Marão numa representação de toda a paisagem nacional, recorrendo a uma sinédoque que padece, contudo, de fragilidades significativas, ao excluir desta semelhança paisagística territórios como os do Alentejo ou de Trás-os-Montes:

É na região de Entre-Douro-e-Minho, que o Portugal de terra se mostra em alto e nítido relevo. É ali, portanto, que devemos estudar a Paisagem, como fonte psíquica da Raça.

Quem atingir as alturas do Marão, o seu píncaro mais elevado ..., avista, para as bandas do nascente, o escuro e montanhoso Trás-os-Montes; e, para os lados de noroeste e nordeste, o Minho viridente. Depois, aproximando o olhar, descobre, nesta mesma direcção, as terras vizinhas do Tâmega que participam de Trás-os-Montes pelo acidentado do terreno e do Minho pelo verde e alegre colorido dos seus vales e pradarias.

O doloroso drama transmontano e o bucólico idílio minhoto fundem-se, na região do Tâmega, numa paisagem original que é o próprio busto panteísta do génio dos lusíadas.

Se exceptuarmos as planícies do Alentejo, monótonas, como que anoitecidas de um vago e antigo sonho mourisco, e os desnudos planaltos transmontanos de uma

hostil e amarela aridez judaica, a paisagem portuguesa é quase toda igual à banhada pelo Tâmega.

Entre-Douro-e-Minho é o coração de Portugal casado ao sentir ingénito da Raça (Pascoaes, 2007, pp. 67-68).

A utilização da paisagem para caracterização dos estados de alma, tão típica do Romantismo, ganha assim com Teixeira de Pascoaes um novo alcance, já que o autor de *Marânus*, um neoromântico garrettiano, aproveita poeticamente a paisagem da sua terra natal para falar sobre a própria «alma» original da pátria. A paisagem não serve apenas para falar do eu e do seu lugar no mundo, mas conforma uma nova ideia de nação, um traço distintivo do carácter do povo português. Este novo Romantismo de Pascoaes vai assim fundir dois eixos fundamentais do movimento artístico oitocentista ao aproximar poeticamente subjetividade e nacionalismo, recorrendo ao uso da paisagem de uma forma persistente e sistemática. Vítor Viçoso, num estudo em que relaciona o saudosismo de Pascoaes com os traços culturais portugueses, parece ir em parte no mesmo sentido, ao afirmar que o poeta:

insere-se no âmbito de um neo-romantismo saudosista ... Contudo, a originalidade de Pascoaes resulta do modo como transita poeticamente da exploração onírica do génio do lugar (a paisagem do Marão) e das suas gentes para uma dimensão pátria ou universal, diluindo-se nele qualquer estigma provinciano (Viçoso, 2004, p. 100).

Teixeira de Pascoaes reconhece, portanto, que a paisagem transforma ativamente o homem, tem uma «alma que actua com amor ou dor sobre as nossas ideias ou sentimentos» (Pascoaes, 2007, pp. 68-69) e que o homem português, tal como o poeta, vai buscar a sua forma de ser à natureza que o rodeia. Assim,

defende que a paisagem portuguesa é «de contrastes que se abraçam e beijam com amor. Também a *alma pátria é uma alma de contrastes que se abraçam e beijam com amor.*» (Pascoaes, 2007, p. 75). Os portugueses serão alegres e tristes, como «o verde riso das campinas» ou os «ermos» sombrios. O peso da paisagem na definição da identidade está também expressamente plasmado na obra poética de Pascoaes, por exemplo no poema «Canção duma sombra»:

Ah, se não fosse a névoa da manhã
E a velhinha janela, onde me vou
Debruçar, para ouvir a voz das cousas,
Eu não era quem sou.
...
Sem esta terra funda e fundo rio,
Que ergue as asas e sobe, em claro voo;
Sem estes ermos montes e arvoredos.
Eu não era quem sou (Pascoaes, 1996, p. 52).

Aqui, e considerando o que foi exposto acima, verifica-se que a paisagem (local, nacional) condiciona uma certa forma de *ser eu*, que corresponde também a uma certa forma de *ser português*¹¹: a saudade é «*a alma da Natureza dentro da alma humana e a alma do homem dentro da alma da Natureza.*» (Pascoaes, 2004b, p. 156). A «alma» do poeta é, deste modo, unida à «alma» da nação: e a essência destas «almas» é a saudade. Evocando novamente a

¹¹ Jacinto do Prado Coelho corrobora esta visão ao considerar que, «se Pascoaes descende dos Avós e da Casa onde viveu a infância, se a Saudade o modelou desde o dia em que saiu da aldeia, com razão se afirmará filho da paisagem das margens do Tâmega, da região onde se fundem de modo original “o doloroso drama da transmontano e o bucólico idílio minhoto” – a paisagem onde o poeta julgará ver simbolizada a psique portuguesa, misto de alegria e tristeza, de austeridade e doçura.» (Coelho, 1965, p. 23).

palavra alemã *Stimmung*, também ela de difícil tradução, podemos sugerir que, em Pascoaes, é a «saudade» que vai alcançar a harmonia descrita por Michel Collot, incluindo no entanto o elemento adicional da nação: «*Stimmung*, qui unit en une seule coloration ou tonalité affective l'atmosphère du paysage, l'état d'âme du sujet et la résonance du poème.» (Collot, 2005, p. 15). Em relação, por um lado, à saudade como «alma» da nação, recordemos a famosa explicação de Teixeira de Pascoaes publicada no n.º 1 da 2.ª série de *A Águia* (1912), na qual está bem patente o gosto saudosista pela conciliação dos contrários:

A Saudade é o próprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o ser perfil eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o *sentimento-ideia*, a *emoção reflectida*, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a sua unidade divina (Pascoaes, 2004a, p. 155).

Em relação, por outro lado, à saudade como essência da «alma» individual, experienciada diretamente pelo poeta durante a sua vida¹², tomemos como exemplos dois poemas: «A sombra do passado», de *As sombras*, em que o poeta escreve que «Meus ossos são feitos de saudades...» (Pascoaes, 1996, p. 24); e «Tristeza», de *Elegias* (1912), em que declara que «sou eu mesmo o corpo da saudade» (Pascoaes, 1998, p. 232).

Há, deste modo, uma operação de «magia poética», recorrendo mais uma vez às palavras de Eduardo Lourenço, que transforma

¹² Além da poesia lírica, leia-se o *Livro de Memórias*, repleto de descrições da infância e juventude e com uma constante alusão à saudade: «eu sou uma saudade do que fui», «a saudade diviniza tudo», «a saudade é a nossa alma e a nossa Musa» (Pascoaes, 2001, p. 54, p. 126 e p. 143).

uma poesia lírica numa poesia sobre o *ser português*: o eu do poeta identifica-se com a paisagem da sua terra natal contemplada da «santa janela», que por sua vez representa a paisagem nacional, por ser o «coração de Portugal», que tem uma «alma» feita de saudade, tal como a «alma» do povo, tal como a «alma» do eu... Um movimento semelhante poderia encontrar-se nos textos em prosa, nos quais o discurso sobre o *ser português* seria afinal um discurso sobre o eu – Miguel Esteves Cardoso vai nesse sentido, ao afirmar que a *Arte de Ser Português* é «muito mais sobre Pascoaes do que sobre Portugal.» (Cardoso, 2007, p. 11). A paisagem e a saudade são assim os pontos de cruzamento destas identidades – a individual e a nacional – forjadas pela poética de Pascoaes, por meio da qual o poeta alcança um Romantismo «completo», ao fundir a valorização da subjetividade e a exaltação do nacionalismo. A par da teorização sobre o saudosismo, a utilização poética da paisagem ganha um novo sentido com esta obra, por intermediar a identificação do sujeito com o lugar e com o «povo» e por criar uma imagem coincidente do eu e de Portugal. Michel Collot defende que a «osmose romântica» entre o eu e o mundo antecipa a redefinição fenomenológica da consciência como «estar-no-mundo.» (Collot, 2005, p. 63). Ora, na poesia de Pascoaes, se o sujeito poético procura saber quem é e que relação tem com o mundo, consegue por esta via situar-se e ligar harmoniosamente o «interior» e o «exterior», o eu e a nação, o eu e o mundo. Assim, e aproveitando o condão de Pascoaes, a frase inicial deste texto – «Portugal é a Paisagem e a Saudade» – poderia ser magicamente convertida em: «*Eu sou a Paisagem e a Saudade*».